

RESENHA

SOMBRA SARAIVA, José Flávio. *A África no século XXI: um ensaio acadêmico*. Brasília: Funag, 2015.

Notícias africanas

DANIEL AFONSO DA SILVA*

Merece atenção *A África no século XXI* de José Flávio Sombra Saraiva. Saído na coleção *Em poucas palavras* da Fundação Alexandre de Gusmão, o livro é curto. Tem pouco mais de cem páginas. Mas consiste em bela introdução à compreensão da conjuntura africana contemporânea.

Apresentado em seis capítulos (1. *A renascença africana*, 2. *África em mutação*, 3. *As relações internacionais e a África*, 4. *A África autônoma e sustentável: um desejo para o século XXI*, 5. *A África olha o Brasil* e 6. *Os velhos baobás e a nova África*), o escrito reforça a tese do renascimento africano neste início de século 21. Seu suposto geral reconhece a emergência progressiva da importância estratégica e geoestratégica interna e externa do continente. Constata os avanços institucionais e morais no interior dos países. Destaca a importância de suas riquezas naturais e de seu bônus demográfico presente e futuro. Ressalta a mutação de suas componentes econômicas e sociais ao encontro de modernização política. Considera a complexidade de sua integração positiva com interesses internacionais norte-americanos, chineses, europeus, latino-americanos e brasileiros. Enfatiza as novidades de sua relação com o mundo, notadamente com o Brasil. E

acentua o caráter absolutamente pragmático da nova relação.

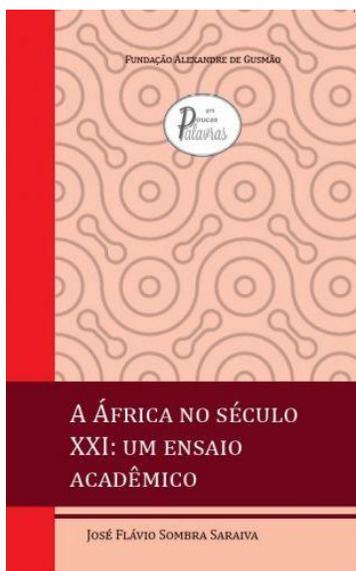
O ponto de partida e chegada do livro são os festejos dos cinquenta anos da Organização da Unidade Africana – fundada em 1963 e tornada União Africana em 2000 – ocorridos em Adis Abera em maio de 2013.

Foi, por certo, um momento de júbilo aos africanos. Lideranças de todos os países do continente se fizeram presentes. Delegações estrangeiras também. Políticos, empresários, intelectuais, economistas, artistas de todas as partes do mundo contemplaram a vigor do renascimento que, novamente, informa o otimismo ambiente dos africanos.

Do pan-africanismo ao pós-colonialismo à pós-descolonização, os povos africanos estão deixando – faz entender o livro – de ser vítimas dos outros e de si mesmos. A autocomiseração embebida em autovitimização está desaparecendo por completo.

A viragem de séculos 20 ao 21 trouxe aos africanos um franco desejo de modificação política e social a partir da reabilitação dos fundamentos culturais e morais de seus ancestrais. Daí a noção de “renascimento africano”.

A violência endêmica começa a virar episódica e localizada. Crises humanitárias



dão lugar a problemas pontuais – graves, mas não generalizados. O crescimento econômico e a redução de desigualdades são inequívocos. A emergência de novas elites e, por fim, de classes econômicas e culturais intermediárias confiantes no destino de seus países e do continente representa novidade considerável. Os movimentos formais de integração regional e continental dão mostra da racionalização dos estados, de suas práticas institucionais e de suas ambições. A Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (Nepad), organizada no início deste século, representa o gesto mais firme e decisivo de integração econômica continental e inserção positiva do conjunto do continente no meio internacional.

O peso do passado ainda vigora. Mas é inegável a dimensão ampla, dinâmica e pragmática que o continente passou a ter com antigas metrópoles e demais parceiros internacionais. O mero humanitarismo aliado a insuspeito paternalismo virou cenas de tempos antigos que começaram a inexistir. Estrangeiros – chineses, indianos, norte-americanos, europeus, latino-americanos e brasileiros – frequentam o continente cientes do profissionalismo dos quadros políticos e técnicos de seus interlocutores na defesa de seus interesses nacionais, regionais e africanos. O *win-win* passou a regra na relação dos africanos com seus visitantes.

A África dos tempos de Aimé Césaire e Leopold Senghor quase não existe mais. Os fantasmas do colonialismo e do *Apartheid* estão em vias de exorcismo. O afro-pessimismo, que inundou os africanos após as independências, pede passagem; mesmo que as lembranças de Burundi e Ruanda, por exemplo, não estejam completamente superadas.

Os avanços africanos neste século 21, como bem descritos e evidenciados no livro, são fortes e evidentes. Mas os desafios continuam imensos. Os feitos do

Boko Haram indicam o teor estrutural das fragilidades. A anomia reinante na Líbia, no Mali, em Darfur, no Chad, no Congo, na Libéria e no Sudão do Sul mostra a sua gravidade potencial.

Muitos países africanos estão completamente falidos. Outros seguem plenamente dependentes de entidades internacionais.

A África no século XXI de José Flávio Sombra Saraiva merece – repito – atenção. É um belo início, “*em poucas palavras*”, de discussão. Como denomina seu autor, é um “ensaio acadêmico”. E, enquanto ensaio, ele é coeso e agradável. Seu conteúdo é compacto e informativo. Sua leitura é feita em poucas horas. Mas a reflexão que suscita pode envolver muito mais.

Como se apresenta como um ensaio, contido e comportado, seria injusto cobrar o que ele não promete. Mas algum contraponto parece salutar para ampliar a discussão.

Por certo que o século 21, como bem indicado no livro, abre novos tempos para o mundo em geral e para a África em particular. Mas talvez fosse o caso de não tanto subestimar as fraturas da descolonização.

As independências (ou libertações) ocorreram relativamente recentemente – há cinquenta, quarenta anos – e seus traumas, nas ex-metrópoles e ex-colônias, seguem múltiplos. O choque da descolonização – não se deve desconsiderar – continua na agenda africana. O continente ainda promove balanço sobre o peso do fardo que o homem branco deixou. Especialmente em suas estruturas institucionais. Vide a difícil superação dos quadros de corrupção.

Nesse sentido, sem levar em conta o peso da dita *Franceafrique* – política africana francesa forjada na presidência do general De Gaulle –, parece impossível

compreender as recentes intervenções e interferências francesas na Costa do Marfim e no Mali, a perpetuação da dinastia Bongo no poder no Gabão, a complexidade da situação no Congo Brazzaville, a reabilitação do debate sobre o genocídio ruandês que leva o presidente Paul Kagame a denunciar a França como partícipe.

Em outro plano, o livro considera insuficiente a política externa de Barack Obama ao encontro da África. Essa mirada poderia ser mais problematizada. Os interesses norte-americanos no continente seguiram intactos e contínuos ao longo dos mandatos do presidente afro-americano. Não parece ter havido necessidade de modificação. Sobretudo pelas questões internas e externas – gestão da crise financeira e gestão do Oriente Médio, para ficar apenas em algumas – impostas aos Estados Unidos e ao mundo. Foi, sim, deveras notada a ausência do presidente Obama nos festejos de Adis Abera em 2013. Mas ele se renderia à União Africana em 2015, quando do lançamento da *Agenda 2063* – apresentação dos objetivos africanos a serem alcançados quando da comemoração dos cem anos da União Africana – que representou momento tão ou até mais importante, no plano político-estratégico, para os africanos. O livro faz entender a necessidade de espécie de *new beginning* dos Estados Unidos no continente. É uma questão aberta que merece debate.

Também merece reflexão o desenfreado otimismo do livro. Não é o caso de reabilitar ou incentivar o afro-pessimismo. Mas instabilidades recentes impõem desafios pragmáticos nada fagueiros ao continente. As primaveras árabes e os

impactos da crise financeira de 2007-2009 correspondem a alguns deles.

O movimento iniciado na Costa do Marfim em fins de 2010, que derrubou mandatários no Egito, Tunísia, Líbia e ultrapassou as fronteiras da África chegando ao Oriente Médio está longe de terminar. Em seu início, sua recepção era aparentemente amplamente positiva. Em seguida, foi ficando evidente a complexidade do processo. A insegurança político-institucional voltou a ser rotineira em muitas regiões. O exemplo da Líbia, cujo seu mandatário foi apeado do poder com apoio das instituições africanas, segue um fantasma para a maior parte dos demais. O contencioso recente no Mali, para ficar apenas num exemplo, é efeito colateral direto do desfecho das primaveras árabes.

Em outro eixo, o livro considera como residuais os impactos da crise financeira mundial de 2007-2009 sobre a África. Pode até ter sido, mas cumpre avaliar os efeitos deletérios da longa duração dos desdobramentos da crise. Como os africanos estão discutindo esses efeitos precisaria ser levado em conta na fundamentação desse argumento.

Enfim, contrário às aparências, minhas impressões não diminuem em nada o ensaio acadêmico deste distinto africanista brasileiro experimentado nas coisas do continente de baobás que é o professor José Flávio Sombra Saraiva. Apenas provoca seu autor a nos brindar com novas reflexões, quiçá, com “muitas palavras”.

*Recebido em 2017-05-21
Publicado em 2017-07-06*

* DANIEL AFONSO DA SILVA é Doutor em História Social (USP) e Pós-Doutor em Relações Internacionais pelo *Centre de recherches internationales da Sciences Po* de Paris.